

Navegando em águas profundas: o estatuto social dos *nautai* na *Odisseia*

Shipping into deep sea: the social statute of *nautai* in the *Odyssey*

Martinho Guilherme Fonseca Soares

Mestrando em História

Universidade Federal do Espírito Santo

martinhoesoares@hotmail.com

Recebido em: 11/11/18

Aprovado em: 20/12/18

Resumo: O texto busca, a partir dos Cantos que integram a *Odisseia*, compreender o imaginário elaborado pelos gregos sobre o mar. Para tanto, elenca os perigos a que os *nautai* estiveram expostos em suas aventuras marítimas, conforme o relato de Homero. Ao elaborar uma análise pormenorizada dos termos que se referem a esses homens, ou que a eles aparecem associados, investiga o papel desempenhado por esse segmento social no interior do *oikos* homérico, num momento singular, marcado pela emergência da *pólis*. Em função disso, é dado destaque aos valores privados e coletivos que caracterizam essas duas formas de organização social presentes na Idade Homérica. Por fim, busca combinar o conjunto dessas representações, apontando o estatuto social dos *nautai*, detentores de um conhecimento empírico acerca da navegação, do mar e das práticas que lhes são correlatas.

Palavras-chave: *Odisseia*, *Nautai*, Estatuto social.

Abstract: The text aims to, from the lyrics that compose the *Odyssey*, understand the imaginary elaborated by the greeks about the sea. For this purpose, it lists the dangers that *nautai* were exposed on their sea adventures, according to Homero's report. In formulate a detailed analysis of the terms referring to these men or associated with them, it investigates the role played by this social segment within the Homeric *oikos* at a singular moment, marked by the emergence of the *pólis*. As a result, the private and collective values that characterize these two forms of social organization present in the Homeric Age are highlighted. In conclusion, it seeks to combine the set of these representations, pointing out the social statute of *nautai*, holders of an empirical knowledge about navigation, the sea and the practices that are related to them.

Keywords: *Odyssey*, *Nautai*, Social statute.

Homens do mar e seres imaginários

Sempre que nos referimos aos sujeitos que de uma forma ou de outra exercem atividades laborais das mais variadas em ambiente marinho, os qualificamos como “homens do mar”, expressão consagrada pela tradição historiográfica norte-americana ao empregar o termo *seamen* quando a referência se aplica àqueles homens que, a rigor, operam embarcações de diferentes tipos e portes. Nomenclatura válida tanto para o presente quanto para o passado das sociedades litorâneas. O uso concomitante de expressões como “marinheiro”, “navegante”, “pescador”, “marujo” e “homem do mar”, apenas para recordar as mais recorrentes, nos faz supor não haver diferenças significativas entre essas categorias, ditas, num primeiro momento, “profissionais”. Mais ainda: parece indicar não ter havido ou haver, para esses sujeitos, um estatuto social próprio, bem delimitado, uma vez que esses termos, não raro, se confundem. O marinheiro, por vezes, é identificado como pescador, seja o artesanal (que geralmente restringe-se a navegar em ambientes costeiros), seja aquele que pratica a pesca de alto mar, em profundidade mais acentuada, o que exige, necessariamente, técnicas náuticas mais bem desenvolvidas e embarcações mais bem construídas e equipadas para lidar com as condições do ambiente das marés, ventos e correntes os quais, à medida que se avança mar adentro, tendem a se tornar mais fortes.

Um elemento de distinção entre o pescador artesanal e o profissional diz respeito, por exemplo, à natureza e volume daquilo que do mar se extrai, ou que através dele é transportado. Enquanto o pescador artesanal tem por objetivo a captura de peixes e/ou frutos do mar em quantidade que permita a subsistência de seu núcleo familiar e, numa ou outra ocasião, a comercialização do excedente, aquele que navega em águas mais profundas, ainda que pratique a pesca, tem por objetivo a captura de uma quantidade muito maior desses recursos, como uma forma de compensar o investimento feito no aparato técnico necessário. Considerando que, do ponto de vista biológico, regiões oceânicas comportam uma quantidade de peixes muito maior do que ambientes costeiros, é de se esperar que o nível tecnológico empregado pelos pescadores, varie em função do espaço a ser explorado e dos recursos econômicos disponíveis. Na Grécia, conforme Vieira (2011, p. 62), “quanto mais um barco de pesca era limitado realmente à atividade de pesca, mais simples ele era. E de mais cuidados regulares necessitava”. Ainda que os objetivos de cada grupo ao explorar o mar sejam distintos, a similaridade entre as práticas e a dependência estrita das condições ambientais acaba por impor dificuldades quando buscamos distinguir os espaços de atuação de um e de outro grupo: pescadores artesanais *versus* profissionais.

Mas o marinheiro também pode ser aquele que, dispondo de um conhecimento prático/técnico acerca do mar e da navegação, encontra-se dedicado ao transporte aquático ou mesmo às atividades militares. Em síntese, a categoria “marinheiro” pode referir-se: a) pescadores; b) àqueles dedicados ao comércio marítimo e c) aos que fazem do mar uma via de deslocamento ou mesmo o palco para conflitos bélicos, conforme tornar-se-á prática corrente no Império Ateniense do século IV a.C. Essas considerações encontram-se baseadas no sentido em que a palavra “marinheiro” assume em nossos dias, mas pode-se, igualmente, transportá-las ao passado. Mas quem foram os marinheiros a quem Homero se refere em seus poemas, os *nautai*? Que espaço ocuparam no interior das cidades gregas ora emergentes no século VIII a.C.? A obra, que nesse artigo, nos ajuda a pensar o lugar conferido aos homens os quais, comumente, se valeram dos oceanos e mares para o extrativismo, para o estabelecimento de redes de comércio e disputas em Época Arcaica (e que, portanto, exerceram funções específicas no ambiente marinho) é a *Odisseia*, de Homero. Por isso, consideremos algumas informações sobre o poema escrito por volta de 700 a.C., de modo mais específico, nos atentemos ao que o poema nos diz acerca dos usos do espaço marítimo, quem o ocupou e sob que condições.

Não obstante o uso corriqueiro da expressão “uma Odisseia terrestre” para se referir a jornadas — de trabalho ou não — e viagens, geralmente longas e penosas, a *Odisseia* é um poema que, na verdade, versa sobre a relação entre os homens e suas divindades; a moral e as regras do convívio em sociedade, num momento particular da história do mundo grego. O que talvez se adegue ao sentido que a expressão adquiriu atualmente seja o caráter dito “penoso” dessa empresa. O mar, na medida em que representou, para os gregos antigos, uma fonte de complementação de sua dieta (LÈFEVRE, 2013, p. 40-41), também ensejou o estabelecimento de entrepostos comerciais e culturais no Mediterrâneo, mas, sobretudo, as águas marinhas estiveram a serviço da criação de um imaginário sobre os perigos que tal espaço comportava: criaturas mitológicas habitavam as profundezas do oceano, colocando em risco iminente aqueles que por ele navegavam: marinheiros, pescadores, marujos. Vejamos, portanto, como esses perigos se manifestam nos versos que compõem a epopeia.¹ Nos mares,

É onde habita Cila de hórridos latidos.
O timbre de sua voz lembra o de uma cadela
recém-nascida, mas é um monstro atroz. Ninguém

¹ Adota-se, ao longo do artigo, padrão internacional pra citação de fontes antigas, com vistas a preservar a estrutura do texto original.

se alegraria ao vê-la, nem que seja um deus.
Seus doze pés são todos eles bem disformes,
longuíssimos pescoços (seis), uma cabeça
hórrida encima cada; tríplice feira
da detenção onusta do negror da morte,
espessa e vasta. Meio corpo gruta adentro,
as testas protendidas no exterior do báratro.
Dali escruta o escolho a fim de fisgar cães do mar,
delfins ou animal maior, dos muitos
de que Anfitrite, a urladora, se alimenta.
Marujo algum se jacta de escapar intacto
com seu navio: cada bocarra puxa fora
um nauta do baixel de proa azul-cianuro (*Odisseia*, XII, 85-100).

Ao transcrevermos o excerto acima, intencionamos, na verdade, chamar a atenção para o aspecto de assombro que o mar despertou nas diversas representações sobre ele elaboradas pelos gregos. A exemplo de outras mitologias narradas por Homero, esse imaginário manteve paralelo com uma natureza, clima e geologia típicos do Mediterrâneo, fazendo do mar “uma matéria fluida, ambígua, movente e dinâmica da qual se constituem os monstros” (LEITE, 2000, p. 153). Na realidade “como um símbolo cheio de significados, ambivalências (ou oposições), [...] a água não só representa a virtude, a beleza, a liberdade e a purificação; é, ao mesmo tempo, fonte de criação e de destruição, vida e morte” (CUNHA, 2000, p. 15).

Cila, monstro atroz conforme visto acima, não era o único habitar a região que os gregos conheceram, já no século VIII a.C. e mesmo antes,² como sendo o Estreito de Messina, do qual falaremos mais adiante. Mas retomemos os versos da *Odisseia*. Circe, uma feiticeira filha de Hélio-Sol (C. XII, vs. 4-5), que havia aprisionado Odisseu e seus companheiros e, em seguida, os transformando em porcos, se dirige ao herói e o adverte sobre os perigos que encontrará em sua jornada rumo à terra natal:

Verás, herói, um outro escolho nos baixios,
tão vizinho que um dardo o poderia atingir.
Há nele uma figueira enorme amplicopada,
por sob a qual Caribde sorve a água negra.

² Contexto histórico da *Odisseia*, formado por três diferentes temporalidades: Período Micênico, Idade do Ferro e Período Arcaico.

Vomita-a três vezes num só dia e três
a absorve, horrível. Não estejas quando a sorva,
pois nem o Treme-terra te resgataria (*Od.*, XII, 101-107).

A região a que o poeta se refere, o Estreito de Messina, fora tida pelos gregos, desde os tempos de Homero, como morada de Cila e Caribde. Destaca-se o fato de este ponto do Mediterrâneo concentrar um fluxo de marés intenso. Nele, graças à morfologia marítima, “as marés sobem e fluem até 4,5 Nós [...]” (MACGRAIL, 2009, p. 91). Nessa altura, “os mares ficam ainda mais agitados pelos ventos que são canalizados pelas montanhas” (MACGRAIL, 2009, p. 91). Conforme o autor, por alguns momentos, o nível do mar sobe ainda mais nesse trecho, de maneira que “esses fenômenos — que eram mais pronunciados antes das mudanças naturais no fundo do mar no século XIX — podem muito bem ter levado à lenda de Cila e Caríbdis” (MACGRAIL, 2009, p. 91). Ainda acerca da região ocupada pelo Estreito, vemos, na descrição de Homero, que era formada por:

Duplo alcantil do lado oposto: um tem o vértice
que se agudiza céu adentro. Nuvens negras
sempre o circundam. O ar não asserena nunca
no pico, seja no verão seja no inverno (*Od.*, XII, 73-76).

Grimal (2005, p. 89) explica-nos um pouco mais sobre a origem dos seres que acabamos de mencionar. Sobre Cila, “o pai chama-se Trieno, ou então Fórcis, o deus marinho. Outras genealogias dão-na como filha de Forbas e Hécate, ou então desta e de Fórcis. Tal como acontece com a maior parte dos monstros mitológicos, dizem-na também filha de Tífon e Equidna, ou de Lâmia”. Ainda conforme Grimal (2005, p. 74), Caribde, por sua vez,

[...] era um monstro que, habitando o Estreito de Messina, era uma filha da Terra e de Posidon. Durante a sua vida como ser humano, tinha-se revelado de uma voracidade extrema. Quando Hércules passou nesta região, levando consigo os rebanhos de Gérion, Caríbdis roubou-lhe alguns animais e devorou-os. Zeus castigou-a, fulminando-a com um raio e precipitando-a no mar, onde se transformou em monstro.

Diferentes tradições acerca do mito conduzem, todas, ao reconhecimento da região onde está localizado o Estreito de Messina como lugar a que pertence “originalmente”, os monstros elencados no Canto XII da *Odisseia*. Poderíamos, ainda, mencionar outros momentos em que, na epopeia, o mar assume características de assombro e se apresenta como abrigo de seres mitológicos os mais diversos, mas os dois exemplos, por ora, nos são suficientes para que retomemos a associação entre o aspecto penoso do vocábulo “uma Odisseia terrestre” e os

nautai, mediante a identificação conferida pelo poeta a Odisseu, herói por excelência do poema e que era também um exímio marinheiro.

No decorrer da *Odisseia*, encontramos 33 ocorrências em que o herói é definido como πολύτλας , (*polytlas*), ou seja, “aquele que muito sofreu”, “muito suportou”. Epíteto que, na tradução de Trajano Vieira, fez Odisseu ser identificado como o “multissofrido”, “pluripadecido”, “preclaro”, “multiprovado”, “pluritenaz”, “multiexigido”, “multicarpido”, “pleniprovado”. Ainda que o poeta defina sua personagem principal como semelhante a um deus, não deixa de colocar em evidência as características que o tornaram *polytlas*, uma vez que esteve exposto, durante seu retorno a Ítaca, às intempéries do ambiente marinho e envolvido em batalhas com seres fantásticos que habitavam o mar, a exemplo de Cila e Caribde ou mesmo das sereias, criaturas que atraíam os marinheiros para o fundo do mar devido à limpidez de seu canto (C. XII, v. 33-46). Aos marinheiros, aos *nautai*, estava reservada uma vida de aventuras, de magia e de trabalho árduo frente à necessidade de dominarem os mares.

Sob três mandos: os *nautai* no interior do *oïkos* homérico

Até esse ponto fizemos um esforço de síntese sobre o imaginário em torno do mar nas *poléis* compreendidas, nesse texto, como sociedades “litorâneas”. Nesse contexto, logo emerge uma questão que cabe aqui esclarecer: quem eram os homens que, à época de Homero, cruzaram os oceanos a ponto de o poeta descrever, com tal grau de acuidade, as características climáticas, por exemplo, dessas regiões marinhas? Que homens eram esses que, mesmo cientes dos monstros marinhos que encontrariam pela frente, conforme ensinava a tradição dos aedos, estavam dispostos a navegar por essas águas perigosas? Sabemo-lo, e é verdade, que os espaços pelos quais circulava Homero recitando seus poemas,³ compreendiam a Grécia Continental e regiões da Ásia Menor. Contudo, o Estreito de Messina — somente para retomar o exemplo

³ Desde o século XVIII, com os estudos de Friedrich August Wolf (1795), elaborou-se nos mais diversos círculos acadêmicos, especialmente nos campos da literatura e da história, uma discussão acerca da autoria e data de composição dos poemas homéricos que, *grosso modo*, constituem a chamada “Questão Homérica”. Hoje em dia, após vasta investigação de natureza filológica, é consenso entre os especialistas que os poemas são produto de uma longa tradição oral, levada a cabo por poetas-cantores (aedos), profissionais itinerantes que levavam às diversas comunidades gregas, os feitos heroicos de homens ilustres, a exemplo de Odisseu. A *Odisseia* é um poema composto sob esse modelo, tendo conhecido sua forma escrita por volta do século VIII a.C. Homero, refere-se, na verdade, ao nome que a tradição atribui como sendo o autor do poema, muito embora a *Odisseia*, assim como a *Ilíada* — poema que também se atribui autoria a Homero — seja resultado de múltipla composição, daí ser recorrente nos trabalhos mais atuais nos referimos aos “Homeros”, aedos envolvidos na elaboração dos dois poemas.

tratado — corresponde a uma faixa de terra localizada entre o continente italiano e a Sicília, a quase três mil quilômetros da Grécia Continental.⁴ O que levou os gregos a irem tão longe?

De pronto, importa mencionar, a despeito de nossas considerações ao abrir esse texto, que os homens aqui apresentados, não eram, na altura do século VIII a.C., pescadores. O peixe, de modo geral, constituía a base alimentar de setores menos abastados da sociedade, de modo que o poeta não os inclui nos versos do poema em que banquetes são ricamente descritos por ocasião da visita de um estrangeiro ou mesmo da realização de sacrifícios cruentos em honra às divindades, muito embora seja plausível supor, que seu consumo fosse prática corrente. A explicação para essa ausência deve-se ao fato de que Homero, valendo-se da poesia como instrumento de perpetuação de uma tradição aristocrática, privilegiou espaços, costumes e símbolos de distinção. No seio de uma sociedade eminentemente agropastoril, o poeta, ao se referir aos hábitos alimentares quis, mais uma vez, falar de comunidades “onde os rebanhos são um signo de status, e a carne bovina, um alimento dos setores nobres” (VIEIRA, 2011, p. 42).

A poesia, conforme adiantamos, fez parte de um movimento que encontrou no século VIII a.C. características próprias. Na verdade, sua originalidade repousa não no verso cantado, esse sim, vetusto, mas em seu arranjo sob uma forma escrita. O advento da escrita alfabética, diferentemente do que foi o Linear B — escrita silábica restrita aos ambientes palacianos do Período Micênico (1600-1200 a.C.) —, ressurge na Grécia após um período de relativa obscuridade que durou entre o fim dos palácios micênicos (séc. XIII a.C.) e o advento dessa nova fase do mundo grego, inaugurada com o Período Arcaico (séc. VIII a.C.). De modo geral, a segunda metade do século VIII a.C., época em que a *Odisséia* foi escrita, foi um momento em que na Grécia Continental se experimentou uma série de transformações, dentre as quais a emergência de uma forma de organização singular, a *pólis*. Consoante à sua emergência, os gregos deram início a um movimento de expansão ao longo do Mediterrâneo Ocidental, fundando, noutros territórios do estrangeiro, *apoikiai* e *emporía*. No primeiro grupo, assentamentos voltados para a exploração agrícola permanente e, no segundo, aqueles que desempenhavam a função de entrepostos comerciais.

O conjunto dessas transformações integra o período que fica conhecido, a partir dos estudos de C. Starr (1962) e A. Snodgrass (1981) como Renascimento Grego (c. 750-650 a.C.), um momento de profundas transformações sociais, econômicas e culturais em que os gregos se

⁴ Distância calculada em termos atuais, se traçada uma linha reta entre uma região e outra.

abrem à aventura marítima, dão forma à *pólis*, promovem ainda o desenvolvimento de uma escrita alfabética e arte singular, essa última, caracterizada pela introdução de cenas com vários personagens, combinando diferentes momentos do tempo numa mesma representação, processo que fica conhecido como a “convenção sinóptica (SNODGRASS, 2004, p. 105).⁵

Em função dessas transformações, ou melhor, em conjunto com elas, os empreendimentos gregos no estrangeiro demandaram o aprimoramento de técnicas de construção naval e a especialização no ofício da navegação, saindo de um estágio inicial em que tais técnicas foram concebidas para fins pesqueiros e passando ao desenvolvimento de uma navegação de alto mar, em águas profundas. Tal empreitada exigiu habilidades que parecem ter sido exercidas por diferentes indivíduos, dispersos no interior do *oikos*. Acerca desses indivíduos, não obstante a existência manifesta de escravos — no sentido daqueles que se encontram integrados ao patrimônio de outrem — na sociedade homérica, também existiram, conforme Mossé (1984), homens livres que se encontravam a serviço de outros homens, mediante o recebimento de determinada quantia.

Entre os 24 Cantos que compõe a *Odisseia*, encontramos oito referências diretas aos *vaŕtai* (*nautai*), termo que é comumente traduzido por “navegante”, “marinheiro”, “marujo”. Mas estando Homero a falar *do* mar, *no* mar e *sobre* o mar, numa obra composta por mais de 12 mil versos, oito referências podem parecer um número irrisório, indicando que tais personagens ocupavam um papel social secundário, insignificante até mesmo no conjunto da obra, o que implica uma segunda leitura: como corpo social, ao contrário dos guerreiros hoplitas, os *nautai* desempenharam papel menos relevante no desenvolvimento dos valores da *pólis* arcaica e mesmo no desempenho de funções essenciais à vida econômica dos gregos antigos. A Tabela 1 apresenta as situações em que temos o uso do termo *nautai*:⁶

Homero, conforme aludimos, fez uso de um repertório variado de palavras ao se referir aos “homens do mar” na *Odisseia*, processo análogo ao que ocorre em nossos dias, conforme discutido na abertura desse texto. Numa análise dos diferentes termos empregados para designar os homens do mar, encontramos 347 ocorrências em que o poeta fez uso de outra fórmula ao designá-los: *ἑτάροες* (*étároyes*) e suas declinações (Tabela 3). Nessas ocorrências, Trajano Vieira

⁵ Segundo Cabral (2004, p. 12), “a convenção sinóptica consiste em reunir, em uma única cena, uma seqüência de dois ou mais episódios que, na realidade, teriam acontecido em momentos diferentes”.

⁶ Na composição do quadro utilizou-se a tradução de Trajano Vieira, conforme consta de nossas referências ao final do texto.

(2011) empregou como tradução, os termos “sócio”, “marinheiro”, “remeiros”, “nautas” e “marujos”. Nesse sentido, os *nautai*, termo consagrado pela historiografia, referem-se, na *Odisseia*, ao conjunto desses indivíduos que estavam, a todo o momento, lidando com o mar, dominando-o de um canto ao outro por intermédio da navegação. Os *nautai* distinguiam-se, dos demais grupos sociais, portanto, em função das habilidades de que dispunham para lidar como o mundo marítimo.

Tabela 1: Distribuição do termo *ναῦται* e suas declinações na *Odisseia*.

No original	Referência	Na Tradução
ναῦται	C. I, v. 174	Marujos
ναυτῶν	C. VIII, v. 162	Nautas
ναυτῶν	C. IX, v. 138	Nauta
ναῦται	C. XII, v. 98	Marujo
ναῦται	C. XII, v. 188	Marujos
ναῦται	C. XV, v. 435	Marujos
ναῦται	C. XVI, v. 57	Marujos
ναῦται	C. XVI, v. 22	Marujos

Analisemos, a seguir, algumas situações em que ocorre o emprego desses termos. Encontrando-se Odisseu longe de casa e, tendo seu solar sido tomado por pretendentes que cortejavam diuturnamente sua esposa, a bela Penélope, Telêmaco, o filho do herói, indignado com a situação, declara:

Súbito manda que os arautos de voz límpida
reúnam imediatamente os conselheiros
argivos de cabelos longos. Uns gritavam,
outros se aglomeravam logo. Então se forma
um grupo tão somente, aglomerado. Mão
na aênea lança, o príncipe avança na ágora (*Od.*, II, 6-10).

Os versos acima ilustram que o assunto que Telêmaco está prestes a levar aos conselheiros reunidos em assembleia demanda apreciação pelo corpo de homens nobres que compunham o *oikos* de Ítaca. Esclarece Egípcio, ancião presente à assembleia, que desde a partida

de Odisseu de Ítaca, não se tinha convocado uma reunião na ágora.⁷ O ancião questiona os presentes sobre o motivo do chamamento: havia notícias sobre a aproximação de uma expedição de invasores à ilha ou outra razão de igual envergadura? (v. 28-32). Na resolução desses assuntos, segundo informa Mossé (1984, p. 35), era comum que a deliberação se desse em assembleia. Não obstante, Telêmaco se dirige a Egípcio e aos demais nos seguintes termos:

Não ouvi notícias de invasão
que a mim comunicassem por primeiro, nem
coloco em discussão algum assunto público (*Od.*, II, 42-44).

O que o leva à ágora é a indignação frente à algazarra que faziam os pretendentes com os bens de Odisseu, seu pai. Um assunto de foro particular. Contudo, por que o assunto é levado à arena pública? Telêmaco planejava, em conluio com Atená, uma viagem a Pilos e Esparta, cujos reis, Neleu e Menelau, respectivamente, haviam partido com os demais destacamentos gregos rumo a Troia. Tinha o príncipe de Ítaca a intenção de obter informações sobre o paradeiro do pai e, por isso, dirigindo-se aos presentes na assembleia argiva, pronuncia:

Rogo um baixel agílimo, vinte remeiros
executores da ida e volta em minha rota
até Pilo arenosa, até Esparta, atrás
de novas sobre o herói, ausente há duas décadas,
seja da boca de um mortal, seja de Zeus,
o vozeiro que afama o nome de um humano (*Od.*, II, 214-219).

Os versos sobrepostos nos permitem analisar mais de perto os limites entre interesses privados e coletivos, no contexto de emergência da *pólis*. O assunto que motivara o pedido, embora sendo de natureza privativa de Telêmaco, Penélope e, portanto, da Casa (*oikos*) de Odisseu, é relevante o suficiente para justificar a reunião dos itacenses em assembleia por se tratar de uma expedição, assim entendemo-la, a ser custeada pela cidade. Não é a um particular em específico que Telêmaco se dirige, um nobre dentre tantos que mantinham boas relações com a Casa de Odisseu, mas ao conjunto desses homens que “[...] representam a expressão de um poder colectivo” (MOSSÉ, 1984, p. 35), símbolo de um ideal políade nascente. A ida a Esparta e Pilos diferia, significativamente, das viagens feitas ao longo da costa, muitas das quais realizadas por pescadores artesanais e que não são mencionadas pelo poeta.

⁷ A ágora refere-se, na Cidade Antiga, ao centro cívico da cidade, sua praça pública.

O pedido de Telêmaco, contudo, é negado, de maneira que, para obter uma embarcação e homens, passa a contar com a ajuda de Atená. A própria deusa, falando em primeira pessoa, anuncia:

Na circum-marinha
Ítaca, embarcações inúmeras aportam,
entre as quais seleciono as mais apropriadas
a receberem armas, e enfrentarem mares (*Od.*, II, 293-296).

A declaração de Atená, não é gratuita. Os gregos da Idade Homérica conheciam vários tipos de embarcações: jangadas, barcos, navios (MACGRAIL, 2009, p. 102 e *passim*). Cada qual usado de acordo com um objetivo específico, requisitando, em igual medida, tecnologia compatível com o local a se navegar e investimento/financiamento proporcional. Nessas diferentes ocasiões, observamos que o custeio poderia vir de agentes privados (no caso de pescadores, por exemplo) ou, conforme visto, da cidade como responsável por arregimentar recursos destinados a investimentos públicos, de interesse coletivo. Desse modo, as expedições marítimas em alto mar integravam um dos elementos que faziam parte de tais interesses, uma vez que, na ocupação de um novo território, havia objetivos comuns que congregavam os habitantes da cidade (posse de novas terras, por exemplo). Vemos essa forma de “subsídio” coletivo como necessária, dentre outros motivos, porque “entre as comodidades essenciais que o *oikos* não podia fornecer estavam sobretudo os metais e os escravos”. Em função da falta de insumos, “era impossível permanecer sem contato com o mundo exterior” (AUSTIN; VIDAL-NAQUET, 1972, p. 52). A embarcação escolhida por Atená como sendo a mais adequada para a viagem de Telêmaco tinha que cumprir alguns requisitos, incluindo a capacidade de “cortar” águas profundas e enfrentar o mau tempo.

Apresentamos aqui uma amostragem das relações entre a *pólis* arcaica, os *arístoi*, os *nautai* e suas embarcações, por meio do tabelamento das informações contidas no poema, de maneira a situar o leitor no universo dos temas discutidos pelo poeta acerca do mar. Dessa forma, os dados apresentados na Tabela 2 cumprem a função de *demonstratio*, já que tais referências são encontradas em outros trechos do poema. Homero descreveu as embarcações destinadas às viagens marítimas de alta complexidade, tal como a expedição de Odisseu a Troia e de Telêmaco a Pilos e Esparta. Sabendo, pois, da distinção feita pelo poeta quanto ao tipo de cada embarcação,

vejamos como essas, destinadas a aportar em território estrangeiro, foram classificadas. A tabela abaixo resume os adjetivos que, no Canto II, são empregados em referência a elas.

Tabela 2: Características das embarcações descritas no Canto II da *Odisseia*.

Referência	Descrição	Referência	Descrição
C. II, v. 18; C. II, v. 214; C. II, v. 333; C. III, v. 287	nave côncava/ navas côncavas	C. II, v. 387-88	baixel agílimo
C. II, v. 26; C. III, v. 345	nau bojuda/ navios bojudos	C. II, v. 390	nave rápida
C. II, v. 214	baixel agílimo	C. II, v. 391	navios bem feitos
C. II, v. 214	embarcação veloz	C. III, v. 61	baixel negligieiro
C. II, v. 288	nau veloz	C. III, v. 284	naves acoimadas
C. II, v. 386	embarcação veloz	C. III, v. 347	frota agílma
C. III, v. 287	navio veloz	-	-

Os dados em tela podem ser aplicados aos demais Cantos do poema, uma vez que o aedo recorre aos mesmos adjetivos sempre que menciona essas embarcações. Dessa maneira, ao hipervalorizar as embarcações gregas, Homero quis cantar os feitos dos aqueus como um povo que foi capaz de dominar os mares, um povo habilidoso na arte de projetar navios “bem-feitos”, de porte “bojudo” e “ágeis”. Embora os termos falem por si, reforçaremos o caráter “ágil” dessas embarcações.

Conforme vemos no Canto V, os gregos já conheciam técnicas de orientação pelas estrelas. No caso de viagens noturnas, por exemplo, *o caminho pelas estrelas* era indispensável. Entretanto, navegar à luz do dia trazia ganhos, principalmente no que concerne à segurança das rotas. Conforme Macgrail (2009, p. 102), nesse momento inicial de exploração, ainda com um domínio bastante limitado das técnicas de navegação, “os métodos de pilotagem teriam sido usados enquanto a terra estivesse à vista. Com tempo bom e boa visibilidade, por volta de meados do verão nessas rotas específicas, ela estaria à vista, à popa ou à frente, durante toda a viagem”. Devemos considerar também que as marés e os ventos tendiam a dificultar a navegação no Mediterrâneo, num momento bastante incipiente do desenvolvimento de instrumentais

marítimos. Dessa maneira, ao empregar os termos em destaque na Tabela 2, Homero reforça a capacidade dos gregos em enfrentar as condições climáticas adversas do ambiente.

Ao chegar a Pilos, Telêmaco foi recebido por Nestor, quem lhe contou as histórias sobre o retorno à Hélade, após o fim da campanha de Troia. Nestor então destaca a condição dos *nautai*, nominados como “marujos”, no trecho a seguir:

Quatro dias depois, marujos
de Diomedes manobram naus simétricas
em Argos, e eu me dirigi à bela Pilo (*Od.*, III, 178-180).

Ainda sobre o retorno dos combatentes aqueus idos a Troia, no trecho em que narra a Telêmaco o regresso de Menelau, Nestor afirma:

No mar o atrida e eu voltávamos de Troia,
zelosos da amizade mútua, quando à beira-
Súnio, sagrado promontório ateniense,
Apolo fulminou com dardos sobrevoantes
o timoneiro do navio de Menelau,
que empolgava o timão numa manobra, Frôntide,
filho de Ônetor, máximo pilo à frente
de naves acoimadas em procelas túrbidas.
O atrida não podia voltar ao mar sem antes
sepultar o marujo-mor com honras fúnebres (*Od.*, III, 275-286).

Ao fazer uso do termo “marujo-mor”, Homero nos dá indicação de que, entre os próprios *nautai* havia funções específicas, de maneira que podemos observar o verbo *κυβερνήτην*, (*kyvernēthn*) “dirigir”, “conduzir” (a nau, a embarcação) ocorrendo sempre associado ao substantivo masculino *κυβερνήτης* (*kyvernēthēs*) e suas variações, que designa, por sua vez, o timoneiro, o piloto (e com menos frequência, um nauta), que tem por função específica a condução do navio. A Tabela 3 sintetiza essas ocorrências.

Tabela 3: Situações em que os *nautai* desempenham a função específica de conduzir a embarcação.

No original	Referência	Na Tradução
κυβερνήτην	C. III, v. 279	Timoneiro

κυβερνήται	C. III, v. 283	Piloto
κυβερνήτην	C. IX, v. 78	Nauta
κυβερνήτης	C. XI, v. 10	Piloto
κυβερνήτης	C. XII, v. 152	Nauta
κυβερνήθ	C. XII, v. 217	Piloto
κυβερνήτεω	C. XII, v. 412	Piloto
κυβερνήται	C. XIV, v. 256	Piloto

Acerca das duas situações em que a tradução do termo original corresponde a “nauta”, em ambas, o poeta se refere ao responsável por guiar a embarcação, conforme evidenciado nos trechos “o vento e o nauta guiam-nos” (C. IX, v. 78) e “nauta e vento nos guiavam” (C. XII, v. 152). Observemos também que, no Canto III, quando Nestor narra seu retorno e o de Menelau, o marujo-mor da embarcação, Frôntide tem sua descendência indicada; era o filho de Ônetor e, uma vez morto, é sepultado com honras fúnebres que, na Idade Homérica “[...] era utilizado como símbolo de riqueza, prestígio e poder [...]” (SOUZA, 2005, p. 38).

O caráter anônimo dos *nautai* se sobressai, uma vez que, a rigor, estão sempre associados a um *arístoi*: Odisseu ou Telêmaco e Diomedes, por exemplo. Essas situações nos permitem visualizar uma distinção entre o corpo de homens que integrava as expedições como a de Troia e os que, efetivamente, eram responsáveis pelas operações manuais na empresa marítima. Uma síntese das ocorrências do substantivo *ἑταίρων* (*étairon*) e suas declinações, presentes na Telemaquia (Cantos I, II, III e IV),⁸ conforme apresentado na Tabela 4, nos permite alcançar um grau de inferência satisfatório acerca da condição social desses sujeitos.

Subjaz, ao emprego desses termos, uma relação de subserviência. Os indivíduos assim designados estão sempre sob o comando de outrem: do timoneiro, do rei, do nobre que chefia a expedição. No Canto III, v. 179-180, acima indicados, os marujos “são de Diomedes”. Esses homens aparecem como estando intrinsecamente relacionados à cidade de onde provêm, o que nos leva a avaliar que se encontravam, portanto, a serviço de um *arístos* ou do Estado ou, ainda, de ambos, no caso de empreitadas que, sendo financiadas pela cidade, eram chefiadas por membros da aristocracia, homens com uma destacada carreira militar e aporte de recursos vultosos que lhes permitiam interferir na maioria dos assuntos que envolviam a cidade.

⁸ A Telemaquia refere-se aos primeiros quatro livros da *Odisséia*, reservados a narrar a jornada de Telêmaco em busca de notícias de Odisseu.

Tabela 4: Situações em que, na Telemacia, há atuação dos *étaíron*.

No original	Referência	Na Tradução
ἑταίρων	C. I, v. 5	[os] homens
ἑτάρουσ	C. I, v. 6	Sócios
ἑτάροισιν	C. I, v. 182	Remeiros
ἑτάροισι	C. I, v. 237	[dos seus] sócios
ἑρέτης	C. I, v. 280	Remeiros
ἑτάρουσ	C. I, v. 304	[os] marujos
ἑτάρουσ	C. II, v. 174	[os seus] sócios
ἑτάρουσ	C. II, v. 212	[o que foi pedido] remeiros
ἑτάρουσ	C. II, v. 286	amigo
ἑτάρουσ	C. II, v. 291	Sócios
ἑρέτας	C. II, v. 307	[os] aqueus
ἑταῖροι	C. II, v. 391	[os itacences], recrutados por Atená para acompanhar Telémaco
ἑταῖροι	C. II, v. 402	[os] companheiros
ἑτάρουσ	C. II, v. 409	marinheiros
ἑτάροισιν	C. II, v. 422	Nautas

O próprio Odisseu, sendo rei de Ítaca, quando vai a Troia, o faz em resposta a um apelo das cidades gregas. A esse respeito, vemos, na *Iliada*, que a campanha de Troia havia sido motivada pelo rapto de Helena por Páris, um príncipe troiano. Helena era esposa de Menelau, rei de Esparta que, ofendido diante do ultraje de terem-lhe tomado a esposa, recorre ao irmão, Agamémnon, para que, juntos, vingassem a ofensa. E, assim, “Agamémnon, rei de Micenas, o mais poderoso dos reis da Hélade, organizou a aliança guerreira que acabaria por deixar Troia em ruínas” (MOSSÉ, 1984, p. 42). Os remeiros, os sócios, os nautas, de maneira geral, são chamados a participar dessas expedições, quer sejam de caráter “oficial” e com isso queremos dizer, a serviço da *pólis*, quer sejam contratados por particulares. Quanto à sua função, aparecem no poema como responsáveis por remar, ajustar o mastro, as velas:

Os nautas vão atrás do filho de Odisseu
e cuidam do carregamento do navio,
seguindo à risca suas ordens. Embarcou
o moço, antecedido por Atenas Palas
à popa, onde se sentam par a par. Os outros
cuidam de desatar por trás os cabos firmes,
sobem e ocupam bancos rentes aos toletes.
Atena olhos-azuis faz ressostrar favônio
vento, acima do murmurante oceano vinho.
Telêmaco ordenou aos nautas: “Às enxárcias”
Ninguém deixou de obedecê-lo. Erguido o mastro
de abeto, alguns o encaixam na concovidade
da enora e o fixam com estralhos. Velas brancas
içam com retorcidas driças encouradas (*Od.*, II, 413-426).

Nesses versos, para além das tarefas específicas destinadas aos *étaiaron* e seu dever de seguir as orientações do filho de Odisseu, uma espécie de comandante em chefe da expedição, chama a atenção o fato de Telêmaco e Atená terem se sentando junto à popa da embarcação (v. 416-417), região localizada na traseira da nau e, por conseguinte, menos sujeita aos solavancos decorrentes do impacto das ondas sob a embarcação como um todo, proporcionando, aos ali acomodados, uma viagem mais tranquila. Desse modo, à aristocracia, estavam reservados a chefia da expedição e seu financiamento; aos *nautai*, por sua vez, a capacidade de viabilizar, do ponto de vista técnico, a empreitada.

Para além do timoneiro, os demais sócios nunca aparecem em primeiro plano nos Cantos. Encontrando-se sempre a receber ordens, sequer suas vozes são ouvidas, relação que se pressupõe existir numa situação de igual para igual e que ocorre quando o poeta dá destaque aos homens que discursam na ágora ou mesmo quando, no campo de batalha, definem as estratégias de combate. A relação de subserviência dos *nautai* emerge, por exemplo, quando Telêmaco dirigindo-se à Atená — que se encontra sob o disfarce do viajante Mentis — narra o paradeiro do pai. Telêmaco explica à deusa que não sabe o que o destino reservou a Odisseu:

Os deuses hoje arvoram situação contrária,
fazendo dele o homem mais inencontrável.
Morto, caído em Troia entre os heróis amigos
ou no braço dos seus [*étáρονς*], concluída a guerra em Ílion (*Od.*, I, 234-237).

Reunidos na ágora, os nobres de Ítaca, por ocasião do pedido de Telêmaco para que lhe providenciassem uma frota de navios, concede ao ancião Mastorida Haliterses a palavra. Este declara:

Quem prenuncia não é um ser novato, é sábio.
Não houve um caso único de não vingar
o que prognostiquei no embarque argivo a Troia,
Odisseu pluriastuto encabeçando os seus [ἐτάροισι] (*Od.*, II, 172-174).

Nos dois casos que exemplificamos acima, o poeta destaca que os sócios estão sob as ordens de Telêmaco e Odisseu, assim como estarão durante toda a Telemaquia, sob comando do primeiro, como evidenciado no trecho abaixo, em que Atená, sob o disfarce de Mentor, apressa o príncipe troiano para que se dirija até a embarcação que o conduzirá junto aos seus homens até Pilos:

Da sala multifrequentada, Atena de olhos
glaucos chamou Telêmaco, se assemelhando
a Mentor, pelo tom de voz e pelo corpo:
“Telêmaco, teus companheiros [ἐτάροισι] belas-cnêmidas
aguardam teu sinal, sentados junto aos remos
Não retardemos por demais a expedição! (*Od.*, II, 400-405).

Em função disso, os *nautai* estavam a navegar sob três mandos: do mar e seu clima, das divindades e do nobre comandante em chefe da expedição. Ainda no que concerne à condição social dos *nautai* levantamos uma segunda questão: esses homens a serviço da cidade eram voluntários ou escravos? De qual estatuto gozavam? Como eram vistos pelo conjunto da população?

O estatuto social dos *nautai*

Embora limitados pelas informações que nos são fornecidas pela fonte, vislumbramos uma das possíveis respostas a partir do episódio, aqui já evocado, no qual Telêmaco requisita aos nobres de Ítaca uma embarcação e remeiros. Após a recusa, tendo retornado para casa, o príncipe se depara com um dos pretendentes de sua mãe, Antínoo. No episódio, Telêmaco informa-o que dará prosseguimento à expedição através da qual buscará notícias de Odisseu:

Provo-o, buscando em Pilo Quere ou a encontrando
aquí, sinistra sina que vos azucrine.

Ao mar as naves e os remeiros recusados
por vós eu levo, à paga, em minha frutuosa
expedição (*Od.*, II, 317-321).

Depreende-se, da leitura desses versos que, uma vez não tendo a empreitada de Telêmaco sido tratada pelos presentes à ágora como assunto de Estado, o jovem financeira, às suas expensas, a viagem que, já antecipava, seria “frutuosa”, afinal era precedida pelas bênçãos de Palas Atená. Disso decorre que esses homens estavam, por vezes, a serviço da Cidade ou particulares, mediante alguma retribuição.

Se certo estivermos, os *nautai*, os remeiros e por extensão, todos os que do mar faziam profissão, integravam o corpo de homens livres do *oikos* que trabalhavam sob a forma de algum tipo de remuneração. Não eram escravos, pois o poeta a eles não se refere como propriedade, ou seja, não foram comprados, a exemplo do porqueiro de Odisseu, Eumeu ou ainda de sua ama de leite, Euricleia, comprada por seu pai, Laertes. Telêmaco querendo homens a seu serviço, precisou, para isso, os remunerar, como acima expomos. Mas esses homens não podiam ser, como descreve o poeta, recolhidos de maneira aleatória em meio a uma multidão de outros homens livres. Navegar em águas agitadas, devido ao manejo das velas, do leme, da quilha foram, como nos faz saber Homero, atividades que demandaram precisão e, por conseguinte, algum nível de instrução/especialização. Num mundo em que os estratos sociais pouco ou quase nada se misturavam, um camponês, acostumado a manejar o arado, fendendo a terra e a preparando para sementeira, não saberia conduzir uma embarcação, muito menos construí-la, pois não exercia ofícios senão o agrícola. Em função disso, propomos que esses homens eram *demiurgos*, ou seja, “especialistas que se iam buscar fora do *oikos*, por se haver necessidade dos seus serviços” (MOSSÉ, 1984, p. 39). Conforme Austin e Vidal-Naquet (1972, p. 56) assinalam, no quadro geral de funções dentro do *oikos*:

Encontramos também artesãos. Um grupo à parte parece ser o dos ‘demiurgos’. Não se trata especialmente de artesãos, visto que neste grupo se incluem os ofícios de profeta, médico, arquiteto, aedo e arauto. Todas elas são actividades um pouco especializadas que não se exercem no quadro do *oikos*: os demiurgos são especialistas itinerantes que oferecem os seus serviços à comunidade (é esse o sentido da palavra), e a sua habilidade confere-lhes uma posição um tanto especial.

O próprio Odisseu, astuto como o é, aparece construindo a embarcação que o conduziria para fora da ilha de Calipso. Odisseu é ele, também, um exímio carpinteiro:

Concede-lhe [Calipso a Odisseu] um bipene enorme, duplo fio,
aêneo, levantável só com duas mãos.
Do lenho do olival se fez o cabo infixo.
A dádiva do enxó luzia. No breu da ínsula
se embrenha, lhe apontando o altíssimo arvoredos:
armieiro, choupo e, quase celestial, o abeto,
serôdios, ressequidos, leves no oceano.
A bela diva indica-lhe o quadrante de árvores
gigantes, antes de reentrar em sua morada.
E ele talhou os troncos num labor agílmo,
totalizando vinte ao chão, que esgalha a golpe
se segure. Amarrou, atento aos vãos perfeitos.
Calipso traz-lhe o trado, deia entre divinas,
com que ele fura os lenhos, mutuamente justos,
cavilhas conectadas e tarraxas. Hábil
armador na fabricação de nau de carga
mede a largura e o comprimento dos baixios,
o herói calcula assim a prancha da jangada.
Fixa o jirau, que pontaletes escoravam;
por fim, nos flancos pôs as tábuas, popa à proa.
E fez o mastro em cuja ponta firma a antena,
do mesmo modo que fabrica o leme-guia
O junco de cipós reforça as laterais
contra o avanço da espuma. A lenha lastra o barco.
Calipso trouxe o linho do velame, e a técnica
do herói também mostrou-se exímia quando o corta
e nele prende escotas, adriças e enxárcias (*Od.*, V, 234-261).

A passagem acima, embora longa, nos permite conhecer a perícia necessária à época de Homero, para a construção das embarcações, o que reforça nossa compreensão que os homens que lidavam com este saber o faziam em caráter particular. Chama a atenção no texto que, eles sempre apareçam acompanhados de Atená, deusa conhecida por ser patrona das técnicas, dos artesãos, o que reforça outro elemento que nos interessa ressaltar. Vemos que “Atena representa uma forma particular de inteligência, a inteligência avisada e prática (a *métis*), manifestada nomeadamente pelas suas ligações com a navegação (construção e pilotagem do navio), e não há

vestígios de qualquer juízo negativo sobre estes aspectos da sua actividade” (AUSTIN; VIDAL-NAQUET, 1972, p. 26).

Eumeu, o porqueiro, fiel a Odisseu, tendo levando o amo, ainda sob o disfarce de mendigo, ao paço onde se encontravam os pretendentes de Penélope, responde àquele que lhe inquirira sob o motivo de estar na companhia desse tal homem:

Quem chamaria um estrangeiro de outras plagas,
não fora um demiurgo, um carpinteiro, um médico,
vidente, construtor, quem sabe aedo eterno
cuja canção apraz? Pessoas desse tipo
são sempre convocadas sobre a terra infinda (*Od.*, XVII, 381-386).

Como a navegação demandava, sobretudo, uma frota de navios e homens capazes de operá-los, é possível admitir que o *oikos* financiasse a vinda de profissionais estrangeiros por um período de tempo certo, até que embarcações fossem forjadas, e que outros fossem admitidos como prestadores de serviço durante o tempo que tais empreitadas durassem. Ainda é possível conceber que, na medida em que as cidades gregas foram intensificando suas atividades em mar aberto, foram capacitando sua própria população para o desempenho dessas atividades. Contudo, os *nautai* constituíram outro segmento social, diferente dos guerreiros.

Embora demandando coragem e extraordinário esforço físico, necessários àqueles que manobravam os remos e o leme — o que, em alguma medida, os aproximava do guerreiro —, o poeta não identifica os *nautai* com os mesmos termos que emprega ao se referir aos homens que pelejam em batalha. A evidência mais acentuada da posição conferida pelo poeta aos *nautai* e que, por extensão, indica o lugar por eles ocupado no *oikos* homérico, encontra-se relacionada à ausência, em todo o poema, de feitos heroicos ligados ao homem do mar. Na *Iliada*, poema essencialmente bélico, Homero faz conhecer o nome dos combatentes aqueus (Ájax, um dos mais conhecidos) e troianos (Eneias, por exemplo), Aquiles encabeçando o grupo aqueu e Heitor, o troiano. Na *Odisseia*, por sua vez, poema essencialmente relacionado ao mar, os nomes dos *nautai*, os “guerreiros do mar”, são a rigor suprimidos.

Diante da “omissão” do aedo, depreende-se que os *nautai*, estavam associados a uma vida menos prestigiosa. Conforme afirmamos, o mar era caminho para o desconhecido, para os conflitos descritos nos dois poemas. O espaço marítimo era, na Idade Homérica, lugar de trânsito, pois a guerra era travada em terra firme, onde ocorria também a fundação de novos

territórios, propícios ao cultivo de cereais. Mas, sobretudo, o mar foi um lugar de medo. Medo do desconhecido, dos monstros que habitavam suas águas profundas e agitadas. Nesse sentido, “a imagem do mar, irregular, flexível, ora amigável, ora tenebroso, carregava também um caráter negativo que poderia envolver o corpo social” (VIEIRA, 2011, p. 65).

A imagem elaborada pelo poeta sobre o mar como lugar do duvidoso fica latente no trecho em que Odisseu desce ao Hades, indo ao encontro de Tírésias, o vidente, querendo saber como poderia retornar a Ítaca. Dentre os vaticínios que revela a Odisseu, o vate informa sobre o dia que o herói encontrará *Thánatos*, personificação da morte:

Escuta um signo hiperclaro: é inescapável!
Tão logo um andarilho com quem cruzes diga
queavas sobre a espádua um ventilabro, crava
então no solo o remo plenimanobrável
e ao deus do mar oferta sacrifício opíparo,
um suíno cobridor, um touro e um carneiro (*Od.*, C. XI. V. 126-131).

Como visto, ao encontrar o andarilho, Odisseu abandonará o remo que carrega junto ao ombro, um instrumento que o caracteriza como “homem do mar”, por um ventilabro (uma peneira), utilizada para joeirar o trigo, separando este último do joio, das impurezas da terra. Isso feito e realizadas as hecatombes em honra a Possêidon, o herói terá uma morte tranquila, em terra.

Portanto, a ambivalência ligada ao mar como lugar do desconhecido, como meio contrário ao habitat natural do homem, a terra, é reforçada, assim, pela sua proximidade e relevância para a cidade. E aqueles que circulam e transitam usando o mar como caminho ou como lugar de trabalho recebem o peso do olhar de desconfiança da comunidade (VIEIRA, 2011, p. 66).

A descrição do poeta, em especial, no que se refere à morte no mar, demonstra que o princípio da moral heroica não atingia os *nautai*. Subjaz a essas considerações um esforço ora por atribuição direta do poeta, ora devido àquilo que omite, de se entender o lugar conferido a esses homens no interior da organização social que presidia o *oikos* homérico, “[...] uma sociedade em que os estatutos jurídicos não se encontram ainda devidamente fixados, continuando bastante fluidos e imprecisos” (MOSSÉ, 1984, p. 64).

De tudo o que afirmamos, é possível extrair três conclusões com as quais apenas abrimos, no lugar de encerrar, as discussões sobre o espaço de atuação dos *nautai* no universo marítimo da *Odisseia*: a) o mar, lugar do fabuloso, exigiu um corpo de homens que buscaram nas formas de

manifestação do sagrado meios para construir e operar as embarcações; b) considerando a natureza técnica que a atividade dos *nautai* envolvia, esses homens estiveram a serviço de um particular ou da cidade e, assim, seu estatuto social assemelhava-se ao dos demiurgos; c) embora o *domínio* do espaço marítimo se aproximasse das funções do guerreiro, ao “guerreiro do mar” não foram reservadas honra e glória, pois o mar figurava como espaço do duvidoso e de pouco prestígio em oposição à terra e seu potencial de produção de cereais. De fato, a terra era o foco das comunidades gregas interessadas que estavam, à altura do século VIII a.C., em dar vazão ao seu excedente demográfico, lançando-se assim em busca de novos territórios produtivos.

Referências Bibliográficas

Documentação textual impressa

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011.

HOMER. **The Odyssey**. English translation by A. T. Murray. Cambridge: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1924. v. 1 e 2.

Obras de referência

GRIMAL, Pierre. **Dicionário de mitologia grega e romana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

Obras gerais

AUSTIN, Michel; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Economia e sociedade na Grécia antiga**. São Paulo: Edições 70, 1972.

CABRAL, Luiz Alberto Machado. Prefácio à edição brasileira. In: SNODGRASS, A. **Homero e os artistas**. São Paulo: Odysseus, 2004.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. O. Significados múltiplos das águas. In: DIEGUES. A. C. **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 15-26.

LÈFEVRE. François. **História do mundo grego antigo**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LEITE, Mário Cezar Silva. Meu corpo até arrepia, só de falar. In: DIEGUES. A. C. **A imagem das águas**. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 143-156.

MCGRAIL, Sean. **Boats of the world: from the Stone Age to Medieval Times**. New York: Oxford University Press, 2009.

MOSSÉ, Claude. **A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo (Séculos VIII-VI a.C.)**. Lisboa: Edições 70, 1984.

SNODGRASS, Anthony. **Homero e os artistas**. São Paulo: Odysseus, 2004.

SNODGRASS, Anthony. **Archaic Greece: the age of experiment**. Berkeley: University of California Press, 1981.

SOUZA, Camila Diogo. **Estruturas e artefatos:** o culto heroico em sítios gregos da Idade do Ferro (séc. XI ao VIII a.C.). 2005. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia - Universidade de São Paulo. 2005.

STARR, Chester. **The Origins of greek civilization (1100-650 b.C.).** London: Jonathan Cape, 1962.

VIEIRA, Ana Livia Bonfim. **O mar, os pescadores e seus deuses:** religiosidade e astúcia na Grécia antiga. São Luís: UEMA, 2011.